

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Formação Intercultural de Educadores Indígenas

José Roberto dos Santos

**O Patrimônio Imaterial do povo Pataxó de Aldeia Velha (BA)**

Belo Horizonte  
2022

José Roberto dos Santos

**O Patrimônio Imaterial do povo Pataxó de Aldeia Velha (BA)**

Monografia apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito final para obtenção do título de licenciado Matemática.

Orientador: Prof. Dr Pedro Rocha de Almeida e Castro

Coorientadora: Dra. Paula Cristina Pereira Silva

Belo Horizonte  
2022

Dedico este trabalho aos meus familiares, principalmente aos meus filhos e minha esposa. Também aos professores, amigos e parentes Pataxó que tanto me apoiaram nesse projeto.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao grande e supremo Niamissũ que me concedeu a oportunidade e o dom ao conhecimento de reverenciar a natureza, que me possibilitou buscar os saberes científicos e diferenciar com os nossos costumes e tradições indígenas para servir de fonte de pesquisa na educação escolar indígena.

A toda minha família especialmente minha mãe Potyra Pataxó que tanto orou por mim nessa árdua empreitada.

À minha esposa, filhos e irmãos que sempre presenciaram e me ajudaram nessa caminhada.

Aos colegas e parentes Pataxó, Xakriabá e Pataxó Hã Hã Hãe e de outras etnias da licenciatura que acreditaram na realização desse sonho e na possibilidade de almejar uma educação intercultural diferenciada e bilíngue com uma proposta voltada para atender à demanda do alunado e parentes indígenas.

Ao corpo docente do Fiei que nos orientou, acreditou e compartilhou durante todo esse tempo os nossos anseios por uma educação sensível aos costumes tradicionais dos povos indígenas do Brasil.

Agradeço a todos os anciões que se foram e que estão presentes diante de toda dificuldade que passamos no período de pandemia que assolou toda humanidade e a universidade que propôs o estudo remoto que possibilitou a conclusão desse projeto que irá ajudar as futuras gerações nas problemáticas que há no entorno do território.

Por fim, ao nosso primeiro guerreiro e cacique Ipê que através de seus conhecimentos e com a ajuda das primeiras famílias através da retomada a conquistar o território que hoje chamamos de Aldeia Velha.

## **RESUMO**

O estudo do tema patrimônio imaterial do povo Pataxó da Aldeia Velha surgiu de um anseio de registrar vestígios arqueológicos de representação da nossa ancestralidade que tem em minha comunidade. Este registro pretende colaborar com o valor histórico do território, com a escola e com todos que convivem na aldeia. O material de pesquisa produzido neste trabalho foi registrado através da minha própria convivência e experiência na comunidade de Aldeia Velha desde o ano de 2000, logo após a retomada. Durante esses anos tive a oportunidade de ser um educador e liderança junto com o cacique Silvino Lopes do Espírito Santo - Ipê Pataxó. Durante todo esse período, registrei vários eventos que ocorreram na comunidade e na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha por meio de fotos e filmagens. Neste trabalho, conto a história da retomada do território, da conquista da escola e os principais vestígios arqueológicos encontrados no território, o Sambaqui, Forno Antigo e Jaqueira, e os desafios ambientais para preservar esse patrimônio vivo que há na comunidade Pataxó de Aldeia Velha.

**Palavras-chave:** Aldeia Velha, Jaqueira, Forno, Sambaqui.

## AMIX TXÊ UÍ ATXOHÃ PATXÔHÃ

Ikâtây akuêg mê'á nioniemã kôrtuãga upâ pôkâkey'xó txó maroxĩ'xó ũg amix'xó upâ mihai nakíyã aháwãý txó hãhãhãe Pataxó ũpú pataxí makiamé, yêp mihai nakíyã ũpú korimã yê nakíyã, ahôhê Sabaquí, dahabm hitap ũg yêp kartê dxá'á petoĩ uĩ pataxí. Ikâtây Kôrtuãga pôkâkey'xó jiráp iõp maroxĩ'xó txó ahã ũpútxepôy pataxí, tokmã ahôhê tarakwatê're yê kijêtxawê txagwarí. Hotxomã iõ amix'txê upâ pôkâkey'xó môj kôrtuãga'ã ikô kanã niokek'wãý ũg kahab'txê ahôhê ipakâié uĩ kijêtxawê ũpú pataxí makiamé. Ukâtari hôtjomã niokek'wãý uĩtxêpoy pataxí, petoĩ'ã yê hamátxiha ũpú kôrtuãga're hūnitxi piatá ũpú kuãsê, ikô fotos ũg filmagens. Uĩtãĩ akuêg, areneá'xó yê awākã upâ ikhã txó ahã ũg upâ ãksug'xó upâ kijêtxawê ũg yêp nioktoiná mihai udxêre'txê uĩ ahã ũpútxepôy pataxí, iêhã kasiaká areneá'xó upâ ikhã dxahá niamitãg upâ tanara ũg uãrehã ahmônê mihai hitap.

**Amix' Txê Kuãhí:** Pataxí Makiamé, Dahabm Hitap, Kartê, Sabaquí.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeira cabana na mata de Aldeia Velha	11
Figura 2 – Imagem da escola na farinheira	12
Figura 3 – Minha casa de taipa em Aldeia Velha	13
Figura 4 – Aluno Miltinho e professora Marialva	13
Figura 5 – Mayná Pataxó, cacique Ipê Pataxó e Puhuyakuã Pataxó	14
Figura 6 – Alunos na escola da farinheira dançando awê	15
Figura 7 – Festa da Aldeia Velha com os alunos de Barra Velha	15
Figura 8 – Os guerreiros indígenas nos jogos indígenas no município de Porto Seguro	16
Figura 9 – Primeira escola de Aldeia Velha	16
Figura 10 – Ampliação da primeira escola de Aldeia Velha	17
Figura 11 – Frente da atual escola ampliada	17
Figura 12 – Ampliação de 4 salas com recursos de um empresário de Arraial Dajuda	18
Figura 13 – Frente da minha casa de alvenaria	19
Figura 14 – Eu e minha família na minha casa	19
Figura 15 – Projeto horta escolar	20
Figura 16 – Educação infantil envolvida nos jogos indígenas de Aldeia Velha	21
Figura 17 – Exposição de ampliadas contando a história de Aldeia Velha	21
Figura 18 – Exposição de fotos dos anciões de Aldeia Velha	21
Figura 19 – Nossos alunos participando da apresentação cultural em Arraial Dajuda	22
Figura 20 – Intercâmbio escolar com os alunos nas escolas de Arraial Dajuda	23
Figura 21 – Aula usando o recurso do audiovisual	23
Figura 22 – Formatura na educação Infantil	23
Figura 23 – Evento jovens Pataxó de Aldeia Velha em Santo André (SP)	24
Figura 24 – Eu, palestrando em Santo André (SP)	24
Figura 25 – Localização atual dos Pataxó da Bahia	27
Figura 26 – Cacique Ipê Pataxó	29
Figura 27 – Professor Txaywã Pataxó	29
Figura 28 – Minha câmera fotográfica	31
Figura 29 – Imagem do sambaqui de Aldeia Velha	32
Figura 30 – Sambaqui	33
Figura 31 – Caminho para o sambaqui	34
Figura 32 – Trilha para o sambaqui	35
Figura 33 – Vala do rio indo para o Sambaqui	35
Figura 34 – Mapa de Aldeia Velha	37
Figura 35 – Jaqueira na entrada da comunidade Pataxó Aldeia Velha	37
Figura 36 – Jaca fechada e aberta	39
Figura 37 – Receitas com a jaca	40
Figura 38 – Reserva Jaqueira	40
Figura 39 - Do lado esquerdo, um forno feito de adobe e do lado direito um de barro	42
Figura 40 – Seu Josa Pataxó e o pedaço da panela de barro antiga que encontrou	43
Figura 41 – Mapa de Aldeia Velha	45
Figura 42 – Igreja da Aldeia Velha em época de chuva intensa	46
Figura 43 – Porteira da principal entrada de Aldeia Velha	46
Figura 44 - Incêndio na mata de Aldeia Velha	47
Figura 45 - Imagem aérea do incêndio na floresta de Aldeia Velha	47

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1. MINHA HISTÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 2. O POVO PATAXÓ.....</b>	<b>25</b>
2.1.    A terra indígena de Aldeia Velha .....	27
<b>CAPÍTULO 3. O PATRIMÔNIO IMATERIAL DE ALDEIA VELHA.....</b>	<b>31</b>
3.1 Sambaqui.....	32
3.2 Jaqueiras.....	37
3.3 Fornos antigos.....	42
<b>CAPÍTULO 4. MEIO AMBIENTE NA ALDEIA VELHA .....</b>	<b>45</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## **CAPÍTULO 1. MINHA HISTÓRIA DE VIDA**

Meu nome é José Roberto dos Santos, filho de Vilma Beatriz dos Santos, nascido em 13 de novembro de 1969, natural de Itabuna (Bahia). Comecei a primeira etapa da minha vida nessa cidade, da infância até os 30 anos de idade. Meu pai morreu quando eu tinha 5 anos de idade e sequer me registrou, por isso não tenho nome do pai na identidade, minha mãe ficou com 4 filhos pequenos e sozinha para sustentar a família. Com o passar do tempo, ela conheceu seu segundo esposo que ajudou a família e com ele teve mais 3 filhos. Durante os períodos da minha infância, minha mãe sempre me trazia na casa da minha avó em Coroa Vermelha para passar as férias e também rever os parentes pois fomos criados longe dos mesmos, já que meu avô deu minha mãe para ser criada com uma família de São Paulo e de lá formou sua família em Itabuna.

Iniciei os estudos com cinco anos de idade em uma escolinha de educação infantil particular, lembro que para aprender as primeiras letras minha mãe tinha uma palmatória e um pequeno livro chamado ABC. Eu tive muita dificuldade em aprender, mas para não apanhar e com as orientações da professora Isabel, já falecida, aprendi a ler o alfabeto e as palavras. Logo depois, com a cartilha, um livro que possuía pequenos textos, consegui ler e reler. Na escolinha que aprendi a ler não tinha palmatória e minha primeira professora me ajudou, eu gostava muito dela.

Quando minha mãe mudou para outro bairro, pois nós morávamos de aluguel, ela me colocou em outra escolinha e lá a professora tinha palmatória na mesa. Lembro que para aprender a leitura dos números e cálculos ela não usava a palmatória e sim uma régua de madeira grossa e batia na mão caso os colegas não respondessem correto. Quando tinha sabatina, aluno com aluno que não respondesse correto, ela autorizava o aluno bater com a régua de madeira na mão do outro. Para não apanhar eu me esforçava muito, com isso, eu batia mais que apanhava. Assim foi a minha alfabetização com os números.

Entre no primário com idade de 9 anos na Escola Luís Inácio Tosta Filho, em 1979, uma escola pública, mas já sabia ler, escrever e contar. Eu estudei da 1ª a 4ª série e não tive muita dificuldade pois me esforçava para aprender. Quando terminei o primário fui estudar no Centro de Integração Social (CISO), uma escola particular da 5ª a 8ª série. Essa escola era bastante falada pela cidade pelo sistema rígido de ensino e lembro que na época a média para passar em cada matéria era 7,0 e o meu susto foi que no primário eu tinha uma professora e na 5ª série treze, um para cada matéria, inclusive inglês. Assim,

consegui concluir o ginásio como era falado naquela época, hoje fundamental II, no ano de 1986. Em 1987, eu queria fazer um curso que preparava o aluno para o vestibular da época e ingressar direto para universidade. Durava 3 anos esse curso e essa foi minha decepção, pois não consegui acompanhar a turma e acabei desistindo de estudar em 1987.

No ano de 1988, entrei no Colégio Estadual de Itabuna uma escola pública para fazer o ensino médio e técnico na formação de contabilidade. Como tinha estudado em escola particular, consegui ótimas notas que me credenciou a estagiar e trabalhar no banco do estado na época chamado Baneb, mas para isso acontecer teria que fazer um cadastro e colocar as notas. Como nesse dia eu não encontrei a professora e era o último dia, perdi essa oportunidade. Estudei três anos e encerrei no ano de 1990, fiz o meu estágio em uma empresa de venda de peças de carro, o contador na época queria me contratar pois gostou do meu desempenho na organização do arquivo e controle de estoque da empresa. Porém, quando fui acertar o pagamento, ele queria me pagar um salário mínimo, mas não aceitei, pois na minha profissão de pedreiro eu ganhava mais.

Minha mãe me colocou em trabalho de obra com 14 anos de idade e com 17 anos iniciei na profissão fazendo a casa da minha própria mãe com toda estrutura para laje. Minha mãe, indígena nascida em Caraíva, teve que enfrentar todos esses sofrimentos e ainda com 4 filhos na cidade que além de sustentar os filhos ainda pagava aluguel numa cidade longe dos parentes. Mesmo assim fez o melhor por mim me dando a oportunidade de estudar, porque queria o melhor para mim.

Concluí o ensino médio com 21 anos e parei de estudar, só me dedicava a trabalhar para ajudar minha mãe e não tinha tempo para fazer o ensino superior. Aos 20 anos, achei uma oportunidade de ir pra São Paulo trabalhar, chegando fiquei na zona sul e consegui um trabalho de segurança de prédio. Fiquei um ano nesse emprego, mas deu saudades da família e então, resolvi voltar para Bahia. Em 1992, agora de volta a minha cidade, entrei em uma empresa de distribuição de alimentos no qual comecei a trabalhar como auxiliar de escritório e depois como faturista emitindo notas fiscais com uma máquina de datilografia elétrica e uma calculadora de encomenda de produtos alimentícios dos clientes. Sair desse trabalho e fui trabalhar em uma obra em Trancoso, foi quando resolvi casar com a minha namorada.

Conheci minha esposa, Marialva Dias dos Santos, em abril de 1993 e março de 1994 casei com ela. Ela era professora do magistério formada no mesmo colégio que eu estudei. Nessa época, trabalhava numa obra em Trancoso e lá iniciei minha vida de casado, minha esposa conseguiu um trabalho na Escola Honorina Passos no ensino

fundamental I, ficamos um ano em Trancoso trabalhando, então ela engravidou do nosso primeiro filho. Como a obra tinha terminado, fomos de novo morar em Itabuna e lá em 1995 nasceu nosso primeiro filho que se chama Kevin Robert Dias dos Santos. Lá trabalhei de cobrador numa empresa de ônibus para sustentar a família, não paguei aluguel porque morava no subsolo da casa que fiz para minha mãe até conseguir realizar o sonho de ter minha casa própria no ano de 1998, justamente quando meu segundo filho nasceu, agora uma menina que se chama Kathary Milayne, formando um casal. No final desse ano saí do emprego e resolvi montar uma escolinha particular e ajudar minha esposa na educação infantil dos alunos até o final do ano de 1998. Nesse período, minha mãe já estava passando uns meses em Coroa Vermelha, município de Santa Cruz de Cabrália, nossa família é muito grande nessa aldeia. Então, meus primos junto com o Ipê, que no futuro se tornou o cacique de Aldeia Velha, continuaram lutando para juntar famílias indígenas para retomar a fazenda Santo Amaro, por ser território indígena comprovado pela Funai e alguns pesquisadores e antropólogos de Brasília.

Minha mãe informou que já tinha ocorrido a primeira retomada em 1993 mas sem sucesso devido a um fazendeiro que colocou polícia e retirou as famílias do local da mata da aldeia, porém minha mãe não participou. Depois de diversas reuniões para discutir estratégias de retomar o território, com a participação da minha família, em 9 de março de 1998, minha mãe e outras famílias indígenas que morava no Arraial D'Ajuda e em Porto Seguro, com apoio da Funai, agentes da Polícia Federal e meus primos que através de um barco pelo rio Buranhém deram suporte para conseguir com sucesso a segunda retomada. Com isso, minha mãe e irmãos ficaram no local morando em barracas de lonas até retomar a sede da fazenda e expulsar o fazendeiro. Nessa época, eu não estava com minha mãe, pois estava fazendo seis apartamentos de uma obra de um hotel na chegada de Coroa Vermelha. Assim que retomou, minha mãe pediu para que eu ajudasse a fazer uma casa de Taipa, não tinha experiência nesse tipo de construção, mas junto aos anciãos da aldeia consegui fazer a casa e depois fui para Itabuna.

FIGURA :1 Primeira cabana na mata de Aldeia Velha



Fonte: Profª Alzenir 1998

Quando ao se aproximar do final de ano de 1999, o cacique Ipê perguntou a minha mãe se os filhos dela poderia trabalhar como professor da aldeia. Assim, em 28 de dezembro do 2000, eu e minha esposa resolvemos nos unir aos nossos parentes e morar em definitivo em Aldeia Velha, foi então que começamos a nossa jornada como professores indígenas. Fomos aceitos através de reunião com a comunidade e alunos para dar aula numa farinheira improvisando uma sala de alunos multisseriada de 1ª a 4ª série. No começo, as turmas foram divididas em três turnos 1ª e 2ª série ficou com minha esposa pela manhã, a tarde 3ª e 4ª série com a professora Maria aparecida, e a noite eu assumi a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Morei um tempo com minha mãe até fazer uma casa de taipa para mim, foi uma época de dificuldades, mas como a comunidade tinha poucas famílias era mais unida e em época de barreiro de casas as famílias se juntava para tapar com barro as casas através de mutirão. Esse tipo de trabalho durou por um bom tempo até chegar na aldeia os projetos das casas construídas pelo governo do estado. Passamos por muitas dificuldades na questão de infraestrutura para garantir nossa sobrevivência após retomada. Tinha a questão de água potável para beber, pois a única reserva de água era um poço desativado sem bomba, todos carregavam latas de água na cabeça para abastecer as casas, outra dificuldade era a energia pois tivemos que fazer

muitos gatos e algumas vezes devido o número de casas aumentando a energia ficava fraca.

Figura 2 - Imagem da escola na farinheira



Fonte: Arquivos pessoais, 2000

Na escola, quando era época de fazer farinha, tínhamos que disputar no galpão da farinheira a aula com os alunos e o pó da farinha secando. Daí a Funai entrou com um recurso para comprar os materiais e assim construir nossa primeira sala de aula através da ajuda da mão de obra da comunidade. Outro trabalho importante foi a afirmação cultural com apoio da parceria com os indígenas da reserva da Jaqueira e outras aldeias. Com isso, surgiu os intercâmbios culturais e os jogos indígenas local, municipal, que atraiu o turismo aqui em Arraial D'ajuda. Assim, pudemos divulgar o trabalho de ecoturismo na reserva de Aldeia Velha. Isso foi importante, pois as famílias desaldeadas vieram de diversas outras cidades e aldeias da região. Logo que terminei minha casa de taipa, trouxe meus móveis de Itabuna e depois vendi minha casa que tinha lá.

Figura 3 - Minha casa de taipa em aldeia velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2000

Morei por um período de 9 anos, a casa era próxima da escola e no centro da Aldeia. Uma época muito boa que comecei a cultivar milho, abóbora, banana, acerola, graviola, jaca, limão, quiabo, pé de jambo, cana de açúcar, coco, jenipapo e algumas ervas medicinais, no qual ajudou muito no sustento da família. Assim, era as nossas vidas, trabalhava na escola e cuidava do sítio.

Figura 4 - Aluno Miltinho e da professora Marialva



Fonte: arquivos pessoais, 2000.

Minha esposa, Marialva Dias dos Santos (Pariry Mayná Pataxó), iniciou os trabalhos da escola como a principal responsável em um período de 7 anos, de 2001 à 2008. Depois disso, ela sempre continuou na educação infantil da escola e com o apoio do cacique Ipê Pataxó, pois era única indígena que tinha magistério feito em Itabuna. Junto com outra colega indígena, conhecida como Parú Pataxó, lutamos por um período de tempo lecionando na escola da farinha. Foram momentos muito bom onde iniciamos um trabalho intercultural com as escolas do Arraial, pois sempre fomos convidados na semana do mês de abril que comemora as festas indígenas em Porto Seguro. Daí recebíamos alunos para assistirem os nossos rituais indígenas em nossa comunidade. A foto que segue foi retirada no momento do ritual das oferendas da natureza.

Figura 5 - Mayná Pataxó, cacique Ipê Pataxó e eu (Puhuyakuã Pataxó)



Fonte: Arquivos pessoais, 2001.

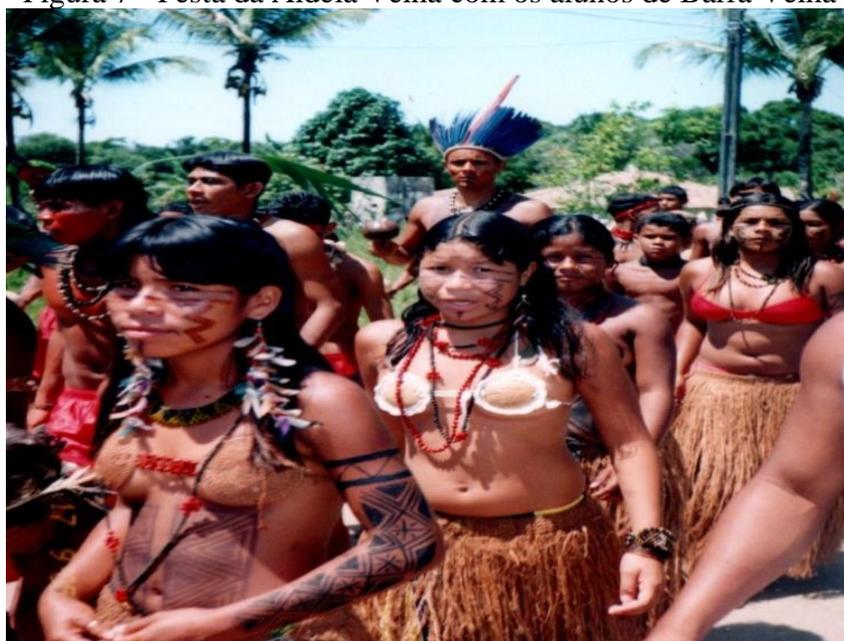
Este ritual dos frutos da natureza representa um momento importante nas festas de Aldeia Velha porque é quando as famílias trazem o que a natureza lhes ofereceu nas suas roças na época de plantio. As famílias, durante a comemoração, traziam para compartilhar com outros parentes através de trocas, porém antes era feito uma oração, tinha a dança do *Awê* com toda a comunidade e principalmente com os grupos de alunos que iam participar das brincadeiras Pataxó, como corrida com toro nas costas, na época, a nossa única modalidade. Depois surgiram os jogos indígenas com a parceria de outras escolas indígenas de Coroa Vermelha, Barra Velha e Imbiriba. Com o passar do tempo surgiu a participação de Aldeia Velha nos jogos indígenas municipal e nacional.

Figura 6 - Alunos na escola da farinha dançando *Awê*



Fonte: Arquivos pessoais, 2001

Figura 7 - Festa da Aldeia Velha com os alunos de Barra Velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2005.

Esse é um momento importante quando os grupos das escolas indígenas se reúnem para circular a área da escola da comunidade de Aldeia Velha dançando o *Awê* antes de iniciar os jogos. Todas as escolas com trajes indígenas, um diferente do outro, ou seja, toda festa de Aldeia Velha sempre os grupos das escolas trazem inovações em suas vestimentas, principalmente as alunas (*jokana*) que confeccionam bustiê diferente, daí todos querem representar bem suas escolas, além lógico de ganhar premiações.

Figura 8 - Os guerreiros indígenas nos jogos indígenas no município de Porto Seguro



Fonte: Arquivos pessoais, 2013.

Figura 9 – Primeira escola de Aldeia Velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2004.

A comunidade de Aldeia Velha, em tão pouco tempo, de 2000 à 2015, executou vários projetos. Entre eles, a construção de duas salas de aula pela Funai, depois veio uma ampliação e reforma com recursos do Banco Mundial através da Prefeitura Municipal de Porto Seguro, a construção de duas salas para atender a Educação Infantil (Pré I e II) e brinquedoteca com recursos do parceiro e Instituto SHC.

Figura 10 – Ampliação da primeira escola de Aldeia Velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2005.

Foi através desse projeto que a direção, na época Mayná Pataxó, minha esposa, cacique e lideranças, com a secretaria de educação e setor indígena, tiveram a ousadia da ampliação e construção de mais quatro salas de aulas com centro administrativo. Esse foi o maior projeto que entrou na comunidade de Aldeia Velha, foi um marco e reforço para o andamento da demarcação do território, pois nem a prefeitura estava querendo arriscar a construção, devido que o território ainda não era demarcado. Depois, houve outra ampliação de mais quatro salas e a guarita na entrada da aldeia com parceria de um empresário que resolveu ajudar a comunidade e a escola.

Figura 11 – Frente da atual escola ampliada



Fonte: Arquivos pessoais, 2022.

Figura 12 - Ampliação de 4 salas com recursos de um empresário de Arraial D'Ajuda



Fonte: Arquivos pessoais, 2014

Atualmente, a escola e o posto de saúde possuem um quadro de 41 funcionários, dentre esses, apenas 5 são concursados e o restante com contrato temporário. Existe também o serviço da limpeza da aldeia que é feita com três garis e um administrador com contrato temporário na prefeitura. Esses são os trabalhos que mantêm a saúde, a educação e a limpeza durante todo ano na aldeia e serve como uma forma de sustentabilidade para os pais de família da comunidade indígena de Aldeia Velha.

Outra construção de grande importância e uma conquista após retomada foi a escavação do poço artesiano, já que o território não dispõe de água potável para beber. A comunidade também foi contemplada com o programa luz para todos do Governo Federal e 120 casas populares do Governo Estadual no qual gerou emprego e renda para as próprias famílias e uma habitação com alvenarias possibilitando assim a preservação das matas, já que as casas eram feitas de taipa e gerava um desmatamento que prejudicava a reserva da aldeia. Essas conquistas além de beneficiar a comunidade de Aldeia Velha foi um suporte para o fortalecimento da demarcação do território e para a futura homologação, haja visto que depende apenas da assinatura do Presidente da República para homologação e assim podermos ter o direito total dessa conquista.

Figura 13 - Frente da minha casa de alvenaria



Fonte: Arquivos pessoais, 2022

Atualmente, moro numa casa de alvenaria, pois com o tempo a casa de taipa foi desmoronando e teve que ser demolida servindo de aterro para casa que construí na aldeia com três quartos, duas salas, uma cozinha ampla, dois banheiros e uma área que circula toda a casa, situada bem próximo a escola. Esse ano, minha esposa Marialva Dias dos Santos (Pariry Mayná Pataxó) está no mestrado profissional educação e docência na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sua primeira formação foi o magistério não indígena, concluiu técnico em contabilidade e concluiu pedagogia, licenciatura em ciências humanas e sociais pelo IFBA e possuem duas pós-graduações e continua como professora do pré I e II. Os meus filhos que estudaram na Aldeia Velha, Kevin Robert Dias Santos concluiu o Fiei na FaE/UFMG, na habilitação em Matemática na UFMG. Minha filha Kathary Milayne Dias Santos está cursando o Fiei/Fae/UFMG na habilitação de Ciências da Vida e Natureza. Eles são frutos do nosso trabalho, além de outros alunos da escola de Aldeia Velha que estão estudando em outras universidades.

Figura 14 - Eu e minha família na minha casa



Fonte: Arquivos pessoais, 2022.

Hoje, os professores da nossa escola são graduados em pedagogia e licenciaturas indígenas de várias universidades para assim garantir os estudos do ensino da educação infantil, fundamental I e II. Algo importante para se desenvolver uma educação nos costumes indígenas e o fortalecimento cultural da Aldeia Velha. Foram várias lutas e conquistas no território, mas quero destacar que a principal foi a educação intercultural com outras comunidades Pataxó, como a reserva da Jaqueira que nos ajudou no incentivo do trabalho de ecoturismo, nos movimentos dos jogos indígenas, nas festas com intercâmbios entre as escolas com os alunos e nas festas culturais da aldeia. Além dessa aldeia, mais próxima da nossa, destaco também outras aldeias que nos ajudaram, Coroa Vermelha, Imbiriba, Barra Velha, Mata Medonha, Juerana, Arueira, Tupinambá de Olivença.

Outra conquista para a educação de indígena de Porto Seguro foi a criação do setor indígena na secretaria de educação do município, onde temos indígenas trabalhando e ajudando nos movimentos da educação, na luta para as transformações do currículo. Uma de nossas lutas foi a adição da disciplina do Patxôhã, nossa língua em revitalização, ensinada da educação infantil ao fundamental II. O setor indígena é um elo entre a secretaria de educação de Porto Seguro a escola e comunidade que sempre procura pelos direitos na contratação de professores e infraestrutura da escola como reforma e construções. Outra conquista importante foi a da Funai que foi trazida de Eunápolis para Porto Seguro, onde lutamos para ter um administrador indígena. Hoje, a escola de Aldeia Velha é a terceira maior em números de alunos, sendo uma referência para o povo Pataxó. A seguir, compartilharei algumas fotografias do meu acervo pessoal em ações no plano anual do calendário escolar da comunidade da comunidade de Aldeia Velha.

Figura 15 - Projeto horta escolar



Fonte: Arquivos pessoais, 2010.

Figura 16 - Educação infantil envolvida nos jogos indígenas de aldeia velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2014.

Figura 17 - Exposição de fotografias ampliadas contando a história de Aldeia Velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2018.

Figura 18 - Exposição de fotos dos anciões de Aldeia Velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2018.

Essa exposição de fotos dos anciões e do território trata de um dos percursos dos estudantes alunos da graduação na universidade em parceria com os professores da Aldeia Velha, representa bem um dos frutos das lutas travadas pelos mais velhos.

Figura 19 - Nossos alunos participando da apresentação cultural em Arraial D'Ajuda



Fonte: Arquivos pessoais, 2010

Os alunos na entrada da Aldeia Velha partindo para uma apresentação cultural nas escolas do Arraial D'Ajuda, junto com o professor de cultura e da língua materna. Assim, divulgam o trabalho da nossa escola indígena para outros alunos não indígenas que não conhecem a cultura do povo Pataxó. Esse trabalho da escola é sempre divulgado durante o ano letivo, pois somos sempre convidados por outras escolas.

Na nossa aldeia, além dos alunos, temos um grupo jovem de cultura que desenvolve junto com a comunidade a divulgação do nosso artesanato e nossa cultura do povo Pataxó em Trancoso, nas cabanas de praia, parque aquático, em eventos em São Paulo, Rio Grande do Sul, Belo Horizonte, Fortaleza, Salvador.

Figura 20 - Intercâmbio escolar com os alunos nas escolas de Arraial D'Ajuda



Fonte: Arquivos Pessoais, 2010.

Figura 21- Aula usando o recurso do audiovisual



Fonte: Arquivos pessoais, 2010.

Figura 22 - Formatura na educação infantil



Fonte: Arquivos pessoais, 2014.

Figura 23 - Evento com jovens pataxó em Aldeia Velha em Santo André (SP)



Fonte: Arquivos pessoais, 2008.

Figura 24 - Eu, palestrando em Santo André (SP)



Fonte: Arquivos Pessoais, 2008.

Durante todo período como professor indígena de Aldeia Velha sempre estive participando em todos os movimentos educacionais, da saúde e da cultura da minha comunidade.

## CAPÍTULO 2. O POVO PATAXÓ

Os povos Pataxó vivem a maioria no extremo sul da Bahia e outros no norte de Minas Gerais. Na Bahia há duas aldeias de destaque que é a Aldeia que chamamos de Aldeia “Mãe” que é Barra Velha e a de Coroa Vermelha. Foi através dessas aldeias que surgiram as outras comunidades indígenas Pataxó por meio de retomadas, como Aldeia Velha, Jaqueira, Arueira, Juerana, aqui bem próximo ao litoral do extremo sul da Bahia. A marca da colonização se estampa até aos dias atuais no local próximo às aldeias. E esses locais são bastantes visitados por turistas de todo mundo que são os distritos de Arraial D’Ajuda, Trancoso, Vale Verde, Cidade histórica de Porto Seguro, Caraíva, Vera Cruz e Pindorama. Esses locais possuem estruturas que demonstra a era colonial de casas enfileiradas de um lado esquerdo e direito, uma igreja no meio no qual servia para catequisar os indígenas, além de cadeias para os indígenas escravizados.

Não tem muito tempo que nós indígenas que vivíamos aqui no Brasil, precisamente em Porto Seguro, praticamente éramos isolados da tecnologia, sem vestimentas, e a única alimentação era da pesca, caça, e agricultura de subsistência, ou seja, o que se plantava era para colher e comer. Segundo relatos de minha mãe Potyra, que hoje tem 70 anos, suas vestimentas quando criança, era de inguaço de coco e palha de banana. Ela ainda me contou que essa época era difícil, pois tudo era feito na base do lombo do animal ou a pé, quando era preciso vender algumas coisas no centro de Porto ou Arraial, esse percurso era realizado pela beira da praia, já que o acesso era mais fácil em relação a percorrer as trilhas pela mata. Os povos Pataxó daqui do litoral não tem muito tempo ao conhecimento das tecnologias que hoje vivemos, isso falando em relação aos 522 anos de invasão dos portugueses.

Quando falo em tecnologia não quero me referir aos aparelhos como celulares, tv, computadores e sim a moradias, transportes e vestuários no qual hoje são necessidades básicas para nós sobrevivermos como seres humanos. Esses problemas sociais persistem até os dias de hoje, pois existem ainda comunidades Pataxó sem acesso à internet, energia, transporte, muito menos aparelhos tecnológicos. Isto porque, a infraestrutura de sinal não consegue atender em várias regiões ou locais do município de Porto Seguro. Todo estado da Bahia, possui mais de 40 aldeias Pataxó, além dos distritos cortados por vários rios e matas e o mar, e essas comunidades são distantes uma da outra. Por exemplo, aqui em Aldeia Velha tem 7 anos que foi introduzido a internet que chamamos de *wifi*, pois nós

usávamos os dados móveis do celular, e olha que nossa aldeia está apenas 6 km do centro de Porto Seguro, imagina as dificuldades enfrentadas pelas comunidades mais distantes.

Nós Pataxó, falamos a língua portuguesa, porém estamos afirmando a língua dos nossos ancestrais que chamamos de Patxôhã, essa língua é do tronco Maxakali. Atualmente, estudamos em nossas escolas a nossa língua em processo de revitalização, que já faz parte do nosso currículo. A origem da palavra Pataxó segundo os nós indígenas significa as ondas das águas do mar batendo nas pedras. O nosso ritual é comemorado em todas as aldeias pela nossa música e dança que chamamos de *Awê*. Os jogos indígenas fazem parte da comemoração e também pelas ofertas da natureza que produzimos durante o ano e trazemos para as festas das comunidades no mês de abril.

Segundo o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied assinalou a existência de similaridades culturais entre os Pataxó e os Maxacali, tais como o uso de sacos pendurados; o prepúcio amarrado com um cipó; o pequeno orifício no lábio inferior, onde, por vezes, usavam um pedacinho de bambu; o cabelo tosado à moda pataxó; a similar construção das choças; e o uso de cauim (1958, p. 276-277). É importante, contudo, lembrar que, ademais do fato de serem essas características muito amplamente compartilhadas por povos da costa oriental, como o príncipe bem assinalou, outras tantas podem ser decorrentes de mútuos empréstimos nos contextos de interação.

Como indígena Pataxó conheço as duas principais aldeias, Coroa Vermelha e Barra Velha, desde o ano de 1978. Nessa época, ainda não tinha as aldeias menores. Em Coroa Vermelha, possuía poucas casas próximo ao cruzeiro e minha vovó morava nessa aldeia. Em Barra Velha, a primeira pessoa que conheci foi Adalton Pataxó que na época vendia artesanatos. Há 22 anos, em Coroa Vermelha, precisamente no ano 2000, presenciei fatos importante e trágico que foi a festa dos 500 anos que se transformou em massacre para os povos indígenas no governo de FHC. Em um momento de festividade, o governo não aceitou os protestos dos movimentos indígenas e quilombolas e usou de violência policiais atirando gás lacrimogênio e batendo com cassetetes nos indígenas caídos na pista que dá acesso a Coroa Vermelha. Outro fato que me marcou foi a mudança da cruz de Coroa Vermelha e a construção de um museu pelo governo do estado da Bahia que alguns indígenas não aceitavam e, mesmo assim, o governo estadual retirou os não indígenas e indígenas da área para a construção do museu, colocação da cruz de mármore, construção da passarela e casas populares. O que tornou a Coroa Vermelha urbanizada que conhecemos hoje, essa força dos governos demonstra o poder para destruir os



clima é quente e úmido. Uma área de 2.010 hectares dividida em 815 hectares de Mata Atlântica com algumas partes de capoeiras e uma vegetação de brejos devido a ocorrência de alagamento em épocas de chuva. No entorno do rio Buranhém há uma camada de mato rasteiro que chamamos de campo nativo com uma intensidade de ‘mangaba e cajueiros’, árvores frutíferas que ficam próximas ao mangue. Ao sul da Aldeia Velha há a uma rodovia estadual que fica entre o território e o distrito de Arraial D’ajuda, essa pista dá ligação pra o distrito de Trancoso e a cidade de Eunápolis. Aldeia Velha está situada em uma localização privilegiada em relação ao acesso aos turistas e possui muitos recursos naturais que certamente serão atrativos para índios de outras aldeias.

Aldeia Velha é um recente núcleo Pataxó criado depois da ocupação da Fazenda Santo Amaro em Arraial D’ajuda (Porto Seguro). Na verdade, essa fazenda foi ocupada duas vezes pelos indígenas Pataxó, como me explicou minha mãe, movimentos de retomada liderados pelo cacique Ipê, então residente na Coroa Vermelha. A primeira ocupação da Fazenda Santo Amaro, no município de Porto Seguro, situada a 8 km da estrada que liga Arraial da Ajuda a Trancoso, foi realizada em 23 de maio de 1993 por um grupo de famílias de pataxós desaldeados liderados por Ipê Pataxó que se pretendia ser cacique desta nova aldeia. A ocupação não foi acatada pelo juiz da comarca de Porto Seguro que deu reintegração de posse aos proprietários da fazenda. Os pataxós alegavam para a ocupação, ser ali um antigo território usado pelos seus ancestrais, como se poderia observar tanto pelos sambaquis (cemitério de ostras), fornos antigos e conjuntos de jaqueiras encontrados na floresta, quanto pelos moradores anteriores aos fazendeiros, todos de famílias de indígenas desaldeados.

Na verdade, segundo o líder Ipê, ele mesmo fez a pesquisa das famílias indígenas que moravam na fazenda antes dos brancos, contou famílias de desaldeados (maioria de Juacema e Vale Verde) que já o consideravam cacique antes mesmo da conquista da terra. Após as reuniões começaram a planejar a retomada, isso já no ano de 92/93. Uma das primeiras reuniões aconteceu na parte baixa da aldeia, com a colaboração de Dona Dió, a primeira moradora da atual Aldeia Velha, que forneceu dados importantes sobre a área em questão. As famílias até então não sabiam qual terra especificamente eles ocupariam, porém o cacique Ipê já sabia, ele conhecia a terra, inclusive com a constatação dos sambaquis e os fornos antigos, formando vários sítios arqueológicos, prova de que os nossos antepassados indígenas já ocupavam a área em questão.

Figura 26 - Cacique Ipê Pataxó



Fonte: Ipê Pataxó, 1999

Figura 27 - Professor Txaywã Pataxó



Fonte: Arquivos pessoais, 2014

Como me explicou Txaywã Pataxó, que participou da primeira fase da retomada, que foi na parte baixa da aldeia a margem do mangue do rio Buranhém, foi um período muito difícil para os seus pais e as demais famílias que estavam na retomada, devido ao difícil acesso. Segundo ele, não havia possibilidade de implantar uma unidade escolar

para atender as crianças no local ocupado, não havia água potável para consumo, sem falar que quando chovia, alagava tudo até mesmo os nossos *kijeme* (casa). Então o cacique Ipê, muito eficiente, fez ali uma reunião para sugerir que fossem para um outro local, que era o centro da mata, ele sabia que lá seria mais adequado e seguro, até mesmo impossibilitava de serem vistos pelo o fazendeiro. Finalizando, no ano de 1998, eles saíram de onde estavam, dezesseis famílias e o cacique, e foram para o centro da mata (2º fase da retomada). Txaywã Pataxó explicou que foi nesse momento que seu pai passou a fazer parte do corpo de lideranças para ajudar o cacique nos trabalhos da comunidade, e atua até hoje. Nessa nova área foi possível se desenvolver algumas atividades, como: agricultura familiar, dois grandes *kijeme* (casa), um para implantação de uma unidade escolar, e outro para a prática do *Awê* (dança, ritual) e realizações de reuniões.

### **CAPÍTULO 3. O PATRIMÔNIO IMATERIAL DE ALDEIA VELHA**

A constatação do patrimônio imaterial de Aldeia Velha foi a minha justificativa para fazer essa pesquisa e destacar a importância da proteção dos seus vestígios, a fim de colaborar com a valorização para nossa história. Ao fazer a leitura do documento do reconhecimento do território, percebi a importância dos vestígios da nossa ancestralidade encontrados no território e dentre os sítios arqueológicos, onde deram mais ênfase aos sambaquis e os fornos antigos encontrados na floresta.

A minha curiosidade ficou maior depois da visita no local, pois até o prezado momento, na minha idade, nunca tinha visto algo de igual valor e tão precioso para os povos Pataxó local e de toda região de Porto Seguro. Como sou professor da comunidade de Aldeia Velha, sempre pensei em registrar, ter um documento formal para poder fazer parte do nosso ensino interdisciplinar da nossa escola, pois a geração está crescendo e muitos moradores da nossa comunidade não tem conhecimento desses vestígios, daí a importância de ter esse trabalho de percurso em nossa biblioteca.

O meu objetivo ao fazer essa pesquisa então é elaborar um estudo mais aprofundado, junto da comunidade sobre o nosso patrimônio imaterial, que possa colaborar com o valor histórico do território, com a escola e com todos que convivem na aldeia. A minha metodologia de pesquisa foi baseada em conversas com o cacique Ipê Pataxó, professores e estudantes, na época em que foi elaborado um trabalho de ecoturismo para receber o turismo na aldeia. Os registros visuais que compartilho no trabalho, na sua maioria, foi feito por mim através da minha máquina de fotografias ao longo da minha trajetória na aldeia e com o celular que uso atualmente.

Figura 28 - Minha câmera fotográfica



Fonte: Arquivos pessoais, 2022.

### 3.1 Sambaqui

Figura 29 – Imagem do sambaqui de Aldeia Velha



Fonte: Ipê Pataxó, 1999.

Visitando algumas comunidades indígenas Pataxó da costa litorânea de Porto Seguro e conversando com alguns anciãos de suas comunidades me foi relatado que esse sítio arqueológico chamado Sambaqui, também conhecido como um conjunto de várias ostras deixado pelos indígenas do nosso antepassado, está sendo reduzido diante o avanço de construções. Em Barra Velha, segundo Adalton Pataxó resta bem poucos vestígios como esse. No local que tinha Sambaqui, infelizmente foi construindo casas e precisou que tratores o retirasse, sendo assim, resta bem pouco desse tipo de vestígio da nossa ancestralidade e os poucos que restam ficam próximo à praia.

Segundo o cacique Ipê Pataxó, o sambaqui de Aldeia Velha é um marco para os territórios Pataxó, porque entre as comunidades já visitadas é a única em tamanho maior que existe na costa litorânea e que fica bem próximo ao rio Buranhém que desagua em Porto Seguro. Na primeira visita, quando fomos ao sambaqui, junto com o cacique Ipê, lideranças e professores, foi muito interessante porque o cacique na época queria que todos pudessem reconhecer a importância desse vestígio para o reconhecimento territorial e também saber o que representava esse sítio arqueológico para a história do povo que viveu nesse local. Nessa visita fizemos uma oração na língua Patxôhã e depois o cacique Ipê falou que ali era o local sagrado para o povo Pataxó, onde era feito os nossos rituais. Destacou que como uma cemitério, não poderíamos tocar em nada e deveríamos fazer silêncio e só registrar com fotos. Esse local é composto de árvores antigas enraizada no próprio sambaqui devido o tempo. Não sabemos ainda quantos anos tem esse vestígio, mas é possível ver que as ostras que ficaram juntas milhares de anos se transformaram

em pedra. Há ainda algumas ostras separadas e com um formato diferentes das ostras atuais que conhecemos.

Figura 30 – Imagem do sambaqui



Fonte: Ipê pataxó, 1999.

O interessante, ao ver esse vestígio, é imaginar a distância do mar até esse local do Sambaqui. Então acreditamos que possivelmente os indígenas do período colonial trouxeram essas ostras por canoas vindo do mar pelo rio Buranhém e outros de cestos percorrendo o mangue e o campo nativo de mangaba até chegar ao local. Para assim, fazerem o ritual das ostras e ser o local de enterrar os seus parentes. Assim foi juntando um imenso monte de ostras, formando o sambaqui. Mesmo com os problemas ambientais existente na região, seja por intermédio de queimadas ou enchentes, esse vestígio ancestral persiste até os dias de hoje.

O sambaqui, segundo o cacique Ipê Pataxó, foi medido por intermédio de antropólogos e FUNAI, possuindo um tamanho de vinte metros de comprimento por seis de largura e um metro de altura, com isso o volume total desse imaterial que é de cento e vinte metros cúbicos. O sambaqui de Aldeia Velha é bem afastado da comunidade no território, com um percurso aproximado de oito quilômetros.

Para fazer uma visita ao sambaqui, é preciso um preparo físico e material antes com o grupo que queira conhecer, porque existe uma série de dificuldades para chegar até o local. É preciso ir de calça com bota ou borracheira, seguir as orientações do guia indígena, esse procedimento é importante antes de seguir a trilha, além da segurança de todos, atualmente alguns moradores resolveram morar mais próximo ao Sambaqui na parte baixa da aldeia, porque facilita ficar próximo do rio para pescar o peixe, catar mariscos e pegar caranguejos no mangue. Durante o percurso ao sambaqui, no trecho partindo da comunidade, passamos por lagoas, campo nativo e sítio de mangaba nativa

com muitos anos, ou seja, na nossa aldeia há vários sítios arqueológicos no território, nós acreditamos que Aldeia Velha seja uma das mais antiga por ser próxima à costa litorânea de Porto Seguro, por isso denominamos “Aldeia Vó”.

Figura 31 - Caminho para o sambaqui



Fonte: Arquivo Pessoais, 2022.

No território, existem dois caminhos para o sambaqui. O primeiro caminho é saindo da comunidade de Aldeia Velha pela pista, seguindo o limite da BR-001 que dá acesso para o Arraial até a entrada da Reserva de Aldeia Velha, são três quilômetros. Porém, a dificuldade é ainda maior em relação ao outro caminho, isso porque as trilhas são limpas até a cabana dos rituais, na reserva, e depois que passa essa trilha a mata vai fechando, dificultando o acesso para as pessoas visitarem o sambaqui.

Da entrada da reserva até a cabana do Awê, possuem mais dois quilômetros. Quando chegamos na cabana, paramos para merendar e fazer o ritual, fazendo oração, cantando para espantar os males que nos rodeia dentro da floresta. A última e terceira parada são mais dois quilômetros que passamos por mata bem fechada e o acesso bem difícil para caminhar, pois vamos enfrentar a barreiras das trilhas do brejo e passar por uma vegetação de brejos muito alagadiços.

Figura 32 - Trilhas para o sambaqui



Fonte: Roberto, 2022

Figura 33 - Vala do rio indo para o sambaqui



Fonte: Arquivos pessoais, 2019.

Na segunda entrada é mais tranquilo porque passamos pela comunidade e até bem próximo porque percorremos numa estrada e logo depois pegamos uma trilha que dependemos do nosso esforço físico para passar um trecho de área de brejo, que no inverno fica bastante alagado. Por isso, é importante fazer a visita no verão, e mesmo assim tem o problema que afundamos as pernas na lama. A imagem acima é a vala do rio Buranhém, quando chegamos nesse local significa que estamos bem próximo do sambaqui.

A seguir, teremos a descrição de dois limites ao norte e leste, segundo o relatório do reconhecimento territorial proposto em 17 de junho de 2008 publicado no Diário Oficial da União, para justificar a demarcação do território indígena de Aldeia Velha e nos limites, há a especificação de vários sítios arqueológico além do Sambaqui.

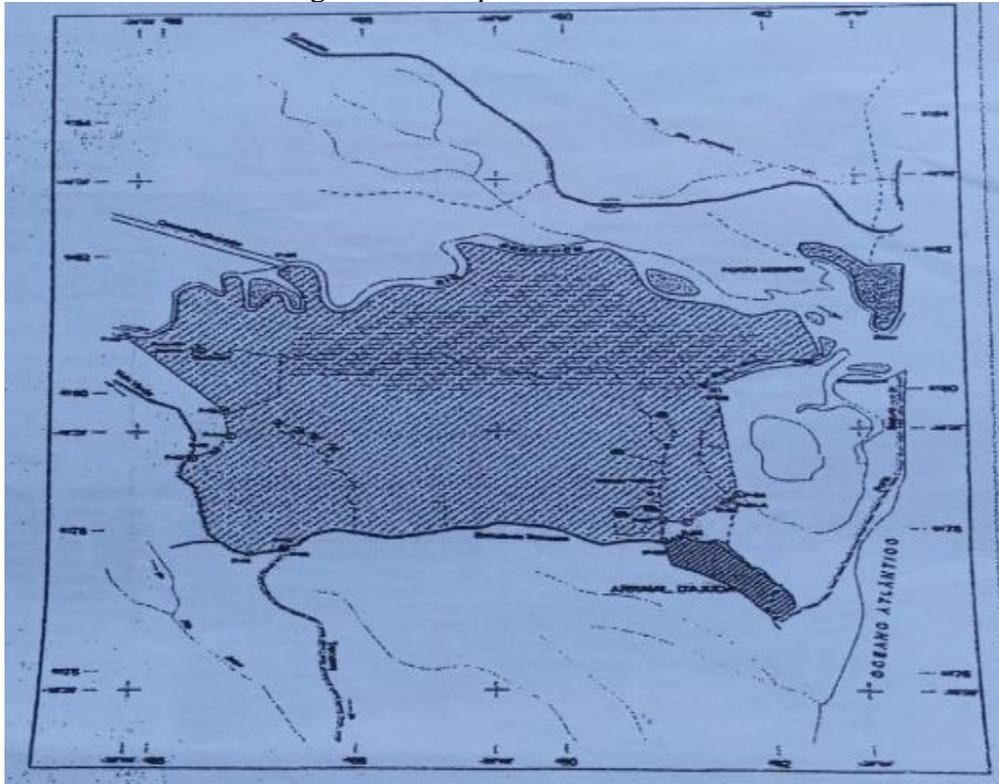
**LIMITE NORTE** – Tem início no 01, situado na margem direita do rio Buranhém, em frente a desembocadura de um canal artificial, de onde segue pela margem direita do Rio Buranhém até a foz do rio Santo Amaro. Este limite reverte-se de extrema importância por incorporar as áreas de mangue do Rio Buranhém, de grande significância ambiental e de grande utilidade para a sobrevivência dos índios de Aldeia Velha. Ao mesmo tempo permite o acesso dos índios ao Rio Buranhém, importante canal de acesso e rica fonte de alimento para a comunidade. Nesse trecho, à margem do Rio Buranhém, também estão localizados os principais sambaquis encontrados na área e vários outros sítios arqueológicos mais recentes, onde se encontra antigos pomares e fornos identificados na pesquisa arqueológica realizada na área.

**LIMITE LESTE** – Este limite segue pelo Rio Santo Amaro, por dentro do mangue até a cabeceira desse rio, de onde passa a percorrer a área de transição entre o mangue e a floresta, conhecida pelos índios como apicum. Ele incorpora um importante trecho de mangues e aí ocorre uma paisagem única na área, o apicum, região de transição entre o mangue e a mata, rica em espécies, muitas delas úteis como alimento e de uso medicinal. Nessa região também ocorrem vastos bosques de frutas nativas, principalmente o caju e a mangaba, muito apreciados pelos índios. No fragmento de mata, o limite segue pela cerca de limite da fazenda Santo Amaro. Esta pequena área de mata é importante é importante, por estar situada nos fundos das casas da aldeia, sendo muito utilizada para coleta e caça, devido sua proximidade. No interior da mata também existem vários vestígios de moradias antigas dos índios que ali sempre viveram como ruínas de forno de barro e pomares antigos, elementos fundamentais para a preservação da memória da ocupação indígena do local (Diário Oficial da União, 2008, p. 26).

No limite oeste da Aldeia Velha na divisa da fazenda do Japara, encontra-se outro vestígio de Sambaqui, porém fica na divisa entre os dois territórios e segundo o relatório os proprietários são indígenas e tem parente em Aldeia Velha. Então, o grupo de técnicos

do relatório resolveram como forma de proteção alterar o limite para garantir que o vestígio do sambaqui ficasse do lado do território de Aldeia Velha.

Figura 34 - Mapa de Aldeia Velha



Fonte: Diário Oficial da União, 2008, p. 26

### 3.2 Jaqueiras

Figura 35 - Jaqueira na entrada da comunidade pataxó Aldeia Velha



Fonte: Arquivos pessoais, 2022.

Ao falar de uma jaqueira em território de Aldeia Velha significa falar de um marco no qual ajudou muito para o reconhecimento territorial antes da retomada. Suas raízes fincadas e centenárias na reserva de Aldeia Velha foi a prova que nossos antepassados viveram nesse local há muitos anos. Uma árvore serviu de sustento para várias gerações. Percorrendo o território foram encontradas algumas árvores de jaqueira uma próxima da outra no meio da mata, então de acordo com o formato, tamanho e o tronco envelhecido foi possível, por meio de um estudo, revelar que se tratava de um sítio arqueológico no local. Para acessar as jaqueiras antigas na mata são percorridos caminhos estreitos que chamamos de trilhas, é preciso estar bem preparados com uniformes de segurança para enfrentar a floresta adentro e não se acidentar. Além disso, recomendasse a presença de ter um guia da aldeia que conheça o caminho para chegar até o sítio. Esse trabalho foi um estudo importante do cacique Ipê, na época, junto com outros anciãos e arqueólogos não indígenas que vieram de Brasília que ajudaram no registro da delimitação e história do território de Aldeia Velha.

Conversando com os anciãos de Aldeia Velha, senti a preocupação de se proteger essas jaqueiras na floresta, pois representa uma história de uma memória do nosso povo, um local sagrado de muitas lutas e convivências de famílias indígenas que viveram um período de tempo nesse local. A distância de um sítio para o outro é muito grande e prova que nossos ancestrais habitavam em várias regiões, ou seja, que nossos territórios eram muito grandes. Atualmente, podemos observar os rastros dos nossos ancestrais por intermédio das jaqueiras mais novas encontradas em vários outros locais da aldeia, o que significa que provavelmente os pataxó levavam esses frutos para se alimentar, e as sementes germinavam e formaram outras árvores mais jovens. Hoje, no local em que as famílias de Aldeia Velha moram se observa sempre que tem um pé de Jaqueira no quintal que não foi plantada. É como se fosse uma árvore nativa, porém sabemos que foram os colonizadores que trouxeram esse fruto para alimentar os escravizados. As Jaqueiras se adaptaram muito em nossa região devido ao clima tropical úmido e na Bahia, precisamente próximo ao litoral, favoreceu para o seu desenvolvimento, um fato importante dessa árvore é que além de resistente ainda próximo ao seu local de convivência não permite que outras plantas fiquem ao seu redor.

Segundo Lúcia Helena Soares de Souza Pereira do departamento de química da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A jaqueira tem origem na Ásia, mais especificamente, na Índia. Essa árvore frutífera foi trazida ao Brasil para a alimentação dos

escravizados no período colonial, por conter um fruto grande e cheio de gomos, que pode saciar a fome de várias pessoas. Para sobreviver, as jaqueiras necessitam de condições semelhantes às do seu local de origem: um clima quente e ameno, além de solo profundo e fértil. No Brasil, elas encontraram boas condições para crescer e se reproduzir... até demais! Demais? Por quê? Porque a jaqueira libera toxinas no solo – um mecanismo chamado alelopatia, que, de forma resumida, impossibilita o desenvolvimento de outras plantas no seu entorno. Logo, a presença de jaqueiras pode diminuir a diversidade de outras plantas locais, como acontece na Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro (A invasão das jaqueiras – CHC <http://chc.org.br> > Artigo)

A jaqueira, além de símbolo de resistência em nossa comunidade, fornece uma fruta coletiva, pois no período do ano que ela dá seus frutos as famílias que a tem em seus quintais doam seus frutos para os parentes que não tem essa árvore nos seus quintais. E quando falo que é um fruto coletivo é porque a fruta quando está madura é cortada em vários pedaços e distribuídos entre as famílias, isso porque é uma fruta grande e ninguém consegue comer sozinho. Uma memória importante sobre a jaqueira que os nossos anciãos sempre falam é que a jaqueira precisa envelhecer até cair, daí podemos aproveitar a madeira para um artesanato ou fazer alguns móveis para usar em nossas casas, isso porque o cerne da madeira tem uma aparência amarela muito bonita. São muitas as utilidades da jaqueira pra nossa comunidade, desde as folhas, caule, caroço e o fruto que fornece vitaminas pra nosso corpo.

Figura 36 - Jaca fechada e aberta



Fonte: Potyra Pataxó. 2022

Ouçã o *podcast* de Potyra Pataxó, minha mãe, sobre as receitas com a jaca para nossa saúde. Use seu celular no *QRCode* abaixo para ouvir ou clique no *link* da fonte.

Figura 37 - Receitas com a jaca



Fonte: <https://anchor.fm/puhuyakuu00e3-pataxu00f3/episodes/JACA-e1io9g3>

Figura 38 - Reserva Jaqueira



Fonte: Iamany Pataxó, 2022.

Falar sobre a reserva da Jaqueira significa como indígena e pertencente ao povo Pataxó uma honra, conheci esse território bem antes dos trabalhos de ecoturismo vivido hoje no local, logo depois do massacre do ano 2000 em Coroa Vermelha na festa dos 500

anos. Foi um momento de transição devido as obras que estava acontecendo em Coroa Vermelha para a construção do museu e a mudança da cruz (símbolo da primeira missa no Brasil). Nesse local os indígenas vivem da venda do artesanato e apresentava os trabalhos culturais da comunidade. Na construção da obra movida pelo governo do estado da Bahia, muitos indígenas tiveram que sair do local, inclusive o cacique Ipê que também trabalhava em Coroa Vermelha com sua barraca de artesanato. Nesse muitas famílias tiveram que retomar outras áreas e o território da Reserva da Jaqueira foi uma delas, além de outras como Aldeia Velha, Arueira, Juerana, Novos Guerreiros e Nova Coroa. A Reserva da Jaqueira hoje é uma aldeia com cacique e liderança, pois antes os trabalhos eram feitos por indígenas que vivam em Coroa Vermelha, no qual recebiam os turistas local com o *Awê* e vendiam seus artesanatos e no final da tarde retornavam pra suas casas em Coroa Vermelha. Durante esse período fizemos muitos intercâmbios culturais, por intermédio da escola e nos jogos indígenas do município de Porto Seguro.

A reserva da Jaqueira é um grande parceiro e ajudou bastante a nossa comunidade nas atividades culturais. Como o próprio nome se refere a jaqueira, a comunidade é rodeada de pés de jaca. E como no passado hoje temos uma comunidade que tem uma relação imensa com essa árvore que além de trazer frutos fornecem uma harmonia e energia para uma convivência dos Pataxós que vivem ali nesse local. Segundo os guerreiros da reserva é proibido derrubar a jaqueira, mesma sendo bem antiga e quando caem elas servem de abrigo pra outras plantas.

Segundo consta no livro *Uma história de resistência*, a conquista da Reserva da Jaqueira aconteceu em 1997. A terra indígena Pataxó de Coroa Vermelha, estava em processo de demarcação. Essa área incluía que hoje denomina a Reserva Pataxó da Jaqueira. A retomada dessa área contribuiu para apressar a homologação da terra indígena Pataxó de Coroa Vermelha. A Reserva da Jaqueira com uma área de 827 hectares de preservação permanente serve como elo de conscientização ambiental e cultural entre indígenas e não indígenas . Desenvolvem um programa de ecoturismo dentro da reserva para visitantes, com trilhas ecológicas e armadilhas tradicionais da cultura indígena. Essa foi uma forma que encontramos para manter o local, abrindo para visitação. Além disso fazemos palestras de educação ambiental e cultural neste local para alunos de escolas municipais e turistas que nos visitam.

### 3.3 Fornos antigos

Ao ver o vestígio de um forno na floresta de nossa aldeia vi a grande importância de preservação, pois em pleno século XXI ainda podemos encontrar vestígios na mata fechada coberto de vegetações. Que mesmo ao longo desses anos conseguiram suportar os efeitos da natureza.

Figura 39 - Do lado esquerdo, um forno feito de adobe e do lado direito um de barro



Fonte: Arquivo pessoais.

Nos locais que temos fornos podemos destacar que morou os nossos parentes indígenas no passado. Quando nós Pataxó falamos de forno construído com barro significa a origem de como produzimos os nossos alimentos típicos da natureza. Com certeza nesse local os nossos ancestrais conseguiram fazer muita farinha, e outros alimentos feito pela mandioca. Na *figura 39*, observe que um tem uma forma arredondada e o outro retangular, esses são costumes de construções indígenas até os dias atuais que vivemos, antigamente não tínhamos a tecnologia de hoje, tudo era feitos com barro e materiais da própria natureza, desde nossas casas, fogareiro, etc. Nas casas de farinha tinham os fornos pra assar a caça, produzir alimentos feito com a mandioca e cozidos de peixe, tudo era feito no fogo de lenha e não o fogão industrial que conhecemos hoje. Então esses vestígios foram outra prova viva que colaborou com a garantia do reconhecimento do nosso território de Aldeia Velha.

Podemos encontrar fornos artesanais em nossa aldeia, porém com uma construção bem diferente do passado, isso porque devido a tecnologia de materiais para a construção permite um pouco mais de facilidade para se construir um forno ou até mesmo comprar um fogão a gás no qual já vem com forno e usar panelas de alumínio, no lugar das de barro, para fazer os alimentos.

Segundo o nosso ancião Josa Pataxó, antigamente, as panelas eram feitas de barro e os alimentos eram cozidos nesse recipiente. Ele tem até hoje guardado em sua casa uma panela de barro de mais de 200 anos. Segundo ele, ao encontrar essa panela de barro no meio da mata procurou investigar quantos anos teria essa panela. Ao perguntar para os parentes e amigos de mais de 90 anos a respeito daquela panela de barro, ninguém conseguiu informar ou provar se alguém da família morava no local, na floresta de nossa aldeia, onde a encontrou. Seu Josa relatou que ninguém nunca viu nenhum morador naquele local, o que sugere que de fato ela é bem antiga, pois tem muitos anos que nunca ninguém morou no local. São muitos relatos e experiências que ouvi ao conversar com nossos anciãos percebemos que eles são os verdadeiros pesquisadores da nossa história, cultura e tradições do povo Pataxó. No momento que eu fazia essa pesquisa percebi a presença de seus netos e bisnetos observando a sua experiência diante daquela nossa conversa.

Figura 40 - Seu Josa Pataxó e o pedaço da panela de barro antiga que encontrou



Fonte: Arquivo pessoais, 2022.

Atualmente vivemos em casas feitas de alvenaria e a maioria da comunidade cozinha em fogão a gás que já vem com forno, porém ainda possuem moradores de nossa comunidade, como seu Josa, que prefere o fogão e forno a lenha, onde fazem suas comidas típicas ou alimentos normais do dia a dia para trabalhar. Ao conversar sobre esse tipo de fogão eles falaram porque a comida sai mais gostosa e também não querem perder a tradição. A estrutura atual de fogão e fornos de lenha são bem diferentes do passado, agora constroem de tijolos, blocão de cimento e o formato bem mais diferente do forno que encontramos na floresta, possuem chapa de ferro para colocar as panelas de alumínio ou barro.

## CAPÍTULO 4. MEIO AMBIENTE NA ALDEIA VELHA

Figura 41– Mapa de Aldeia Velha



Fonte: Marialva, Maricéia e Taiane, 2018.

O território de Aldeia Velha devido sua localização próxima a área urbana de Arraial D’Ajuda e outro bairro pertencente ao distrito vem passando por várias dificuldades ambientais e climáticos, o que acontece é que não temos nenhuma fiscalização tanto por parte da prefeitura, quanto pela Funai. E mesmo com a intervenção do cacique e lideranças reivindicando não conseguem resolver esse problema, devido a área ser extensa e as dificuldades de acesso em algumas áreas da aldeia.

Os maiores problemas é a entrada de estranhos colocando armadilhas para caça, lixo na parte sul da entrada da aldeia e retirada de madeiras por não indígenas. Já foram feitos vários trabalhos de conscientização por parte da escola através de mutirão com os alunos na coleta de lixos dentro e fora da aldeia, mas infelizmente as dificuldades são imensas, o acesso é livre de Arraial D’Ajuda para entrar na aldeia, assim não conseguimos controlar a entrada e saída de não indígenas na aldeia. Infelizmente são feitas trilhas pelos moradores para facilitar a saída da aldeia e assim os não indígenas acabam usando esses acessos.

Na questão climática temos outro problema em época de verão e inverno, os incêndios. Geralmente os incêndios são criminosos devido algumas pessoas que em época de caçar tocam fogo na mata para os animais saírem da toca. Tais locais ficam próximos ao mangue. Daí quando chega o verão a comunidade fica preocupada e os órgãos atentos

porque incêndios de proporção maiores afetam não só a comunidade, mas o centro de Porto Seguro e todo litoral, com suas pousadas e hotéis devido a fumaça. Em épocas de chuva a questão são os alagamentos na parte baixa da aldeia, onde possui várias famílias morando. A última enchente foi 2004 que afetou toda a comunidade, para sair da aldeia se teve que improvisar uma canoa. Em 2021 tivemos outra enchente, porém de proporção menores, mais devido a cheia do rio Buranhém desabrigou várias famílias da comunidade. Com todos esses problemas na nossa comunidade a nossa preocupação está na preservação da área do sambaqui e dos fornos antigos.

Figura 42 - Igreja da Aldeia Velha em época de chuvas intensa



Fonte: Arquivo pessoais, 2021

Figura 43 - Porteira da principal entrada de Aldeia Velha



Fonte: Arquivo pessoais, 2021

Figura 44 – Incêndio na mata de Aldeia Velha



Fonte: Arquivo Pessoais, 2021

Figura 45 – Imagem aérea do incêndio na floresta de Aldeia Velha



Fonte: Arquivo pessoais, 2020

Incêndio de grande proporção na parte baixa da Aldeia Velha em 09 de março de 2021. Na ocasião, foram acionados os brigadistas, bombeiros, aviões jogando água, prefeitura da cidade, além de voluntários indígenas da Aldeia e parceiros donos de pousadas e hotéis de Arraial D’Ajuda para controlar o fogo no qual foram destruídos boa parte da vegetação rasteira, uma parte da mata próxima a reserva, e muitos animais que não conseguiram sobreviver. Tivemos problemas sérios na saúde, devido a inalação de fumaça e tivemos que levar pessoas para o posto de saúde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o estudo com foco no patrimônio imaterial do povo Pataxó de Aldeia, que surgiu de um anseio de registrar os vestígios arqueológicos que mostram a ancestralidade na região que habitamos, especificamente sambaqui, as jaqueiras e os fornos antigos e jaqueiras, procurei destacar o valor histórico de tais elementos para o território, a escola e a todos que convive na aldeia.

Essa pesquisa foi registrada através da minha própria convivência e experiência na comunidade de Aldeia Velha durante um período de 22 anos, logo após a retomada na qual tive a oportunidade de ser um educador e liderança junto com o cacique Ipê Pataxó. Durante todo o período que convivi na aldeia, tive a oportunidade de registrar vários eventos que ocorreram na comunidade e na escola que trabalhei através de fotos e filmagens, que compuseram este material.

Encerro esse trabalho destacando que as principais referências da pesquisa foram as lideranças, cacique Ipê, professores e as famílias da comunidade. Seus saberes são legítimos, ancestrais e colaboram com a existência do nosso povo enquanto indígena Pataxó.

## REFERÊNCIAS

Livro “Uma história de resistência”.

Relatório do território oficial da União, junho de 2008.

WIED-NEUWIED, Maximiliano de. (1958 [1815-1817]). “*Viagem ao Brasil*”.  
Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira.